

coleção
Educação
INFANTIL

**O desenvolvimento
da linguagem oral e escrita
em crianças de 0 a 5 anos**

Stela Miller e Suely Amaral Mello



coleção
Educação
INFANTIL

**O desenvolvimento
da linguagem oral e escrita
em crianças de 0 a 5 anos**

Stela Miller e Suely Amaral Mello



Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Miller, Stela. Amaral Mello, Suely.

O desenvolvimento da linguagem oral e escrita em crianças de 0 a 5 anos /
Stela Miller e Suely Amaral Mello. - Curitiba : Pro-Infanti Editora, 2008.

53p. ; 11 x 17cm. - (Coleção educação infantil)

ISBN

Inclui bibliografia.

I. Educação de crianças. 2. Professores - Formação. 3. Psicologia infantil
4. Letramento. I. Mello, Suely Amaral. II. Título. III. Série.

CDD (22ª ed.)
372.1

© 2008 by Stela Miller e Suely Amaral Mello

Direção Executiva

Sandra de Deus

Conselho Editorial

Jair Carlos da Silva Júnior

Revisão de textos

Alessandra Angelo

Ilustração

Márcio Pelozo

Diagramação

Luciane Sobral

Capa

João M. de Oliveira

Renata Arins

Organizador da coleção

Geraldo Peçanha de Almeida

2008

Direitos desta edição reservados à Pró-Infanti Editora.
Proibida a reprodução total e parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Pró-Infanti Editora
R. Francisco de Paula Guimarães, 234
Bairro: Ahú - Curitiba - PR - Cep: 80540 - 040
Fone : (41) 3077 - 0606
proinfantieditora@uol.com.br



Caro leitor,

É com muito prazer que a PRÓ-INFANTI Editora traz a público sua primeira coleção. Trata-se de uma coleção que apresenta uma breve discussão teórica acerca do tema a que se propõe, mas acima de tudo é uma coleção que tem como objetivo operacionalizar conteúdos e saberes no dia-a-dia da sala de aula. Os textos procuram se adequar às rotinas das escolas e dos centros de educação infantil, sempre mostrando novas formas de abordar temas imprescindíveis nestes ambientes educativos.

Os autores, todos, sem exceção, possuem boas experiências nestas modalidades ou em áreas correlatas. As abordagens, sempre de duas ou mais formas, seguindo diferentes teorias, têm como objetivo possibilitar que o professor tome partido daquela com a qual melhor consegue adaptar sua prática e sua postura. As escolhas foram realizadas tomando como base aquilo que se discute hoje no mundo inteiro como sendo grandes e pertinentes possibilidades de diálogos para a melhoria dos ambientes educativos para a educação de crianças em idade pré-escolar.

Esperamos que essa coleção possa crescer, tornar-se um marco importante na formação de professores e de interessados no processo educativo.

Boa leitura!

Geraldo Peçanha de Almeida
Organizador da coleção

Sumário

01 - O Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita

52 - Referências Bibliográficas

O Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita

A ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos carreou para esse nível de ensino crianças que antes freqüentavam as escolas de Educação Infantil. Se antes disso já havia um equívoco quanto às finalidades específicas desta última, a saber, a preocupação de, no final dos anos pré-escolares, iniciar o processo de alfabetização, visando a seu ingresso no ensino fundamental, hoje essa preocupação caracteriza equívoco ainda maior, pois passa essa preparação para níveis mais antecipados de idade.

Isso pode ocasionar um conjunto de problemas para a educação das crianças pequenas.

Preocupados com a antecipação da escolarização, os professores submetem as crianças ao aprendizado da leitura e da escrita e, grosso modo, fazem isso pela via do treino da escrita de letras, sílabas e palavras.

Esse treino de "escrita", num momento em que a criança não está ainda preparada para

essa aprendizagem, torna-se lento e demorado, exige um esforço enorme da criança e, por isso, acaba por tomar a maior parte do seu tempo na escola. Além disso, na maior parte das vezes, acaba sendo uma experiência de fracasso para a criança, pois em geral ela não cumpre a expectativa da professora que é inadequada para a idade da criança, é importante que se diga!

Em conseqüência, as turmas de Educação Infantil, agora mais abreviada, não terão mais tempo e ambiente para as brincadeiras e as fantasias infantis, pois estarão ocupadas com essas tarefas de escrita, pensadas em função de seu preparo para o processo sistemático de alfabetização que virá em seguida. Com isso, paradoxalmente, as crianças deixam de formar as bases necessárias para a aprendizagem da escrita a função simbólica que se forma no desenho, na pintura, na modelagem; o controle da vontade e da conduta favorecido pelo jogo de faz-de-conta; a necessidade de expressão que se forma com a vivência em atividades que tenham sentido e significado para as crianças, como o canto, a dança etc.

Apresentada de forma equivocada na hora inadequada, a experiência da escrita vai se tornando, desde cedo, uma experiência negativa

do ponto de vista emocional: a criança vai acumulando uma história de fracasso (e de cansaço) em relação à escola e à escrita.

Ao enfatizar o aspecto técnico começando pelo reconhecimento das letras com as quais a criança não lê nada e gastando um tempo enorme numa atividade que não expressa informação, idéia, ou desejo pessoal de comunicação ou expressão acabamos por ensinar à criança que escrever se resume a desenhar as letras, quando, de fato, escrever implica registrar e expressar informações, idéias, sentimentos etc. Sem garantir a expressão da criança, o treino da escrita fica cada vez mais mecânico e, sem ter o que dizer, a criança não tem necessidade de escrever.

O universo das histórias, dos desenhos, das conversas entre as crianças e das brincadeiras infantis cede lugar às atividades de treino de escrita, ou seja, às velhas práticas tradicionais de silabação. Em muitos lugares, essa prática não se apóia mais na cartilha, no entanto, baseia-se nos mesmos princípios de estudo das letras e das famílias silábicas que encontrávamos nas cartilhas.

Essa abordagem, que tem como conseqüência uma aprendizagem artificial, exige

tanto do professor como da criança uma atenção e um esforço enormes por parte da criança, um esforço de atenção, de memória sem um sentido para ela, a não ser para seguir ordens do adulto; e para o professor, um esforço de disciplinamento das crianças. Tudo isso faz com que o processo artificial de desenhar as letras se torne independente do processo de comunicação e de expressão. Ou seja, a linguagem escrita viva passa a um segundo plano e na escola só tem lugar um trabalho penoso e sem sentido.

A bem da verdade, a preocupação dos professores da Educação Infantil com a aprendizagem da escrita pelas crianças desde a pré-escola é compreensível. Afinal, a escrita é um instrumento que permite a participação das pessoas na cultura letrada e proporciona-lhes o acesso não só a informações que facilitam o seu dia-a-dia, mas também ao conjunto do conhecimento que foi escrito ao longo da história e que pode ser utilizado por elas para melhorar suas vidas em qualquer lugar que estejam.

Além disso, a aprendizagem da escrita provoca um salto de qualidade no desenvolvimento da inteligência de quem aprende a ler e a escrever, já que esse aprendizado amplia e desenvolve os mecanismos

cerebrais que usamos para pensar. Isso acontece porque a escrita é um instrumento cultural complexo.

Ao longo da história, os homens e as mulheres foram usando os elementos da natureza para criar objetos que facilitassem a vida humana. Criaram o machado, a vara de pesca, as roupas, as mobílias, as casas, os veículos, os computadores etc., isto é, os objetos e os instrumentos e, junto com eles, as técnicas, ou seja, os modos de usar os objetos e os instrumentos. Criaram também os costumes e hábitos, as linguagens e, entre elas, a linguagem que se organiza por meio de um sistema que se utiliza do código lingüístico, sistema esse que caracteriza a língua de cada povo e foram acumulando conhecimentos e expressando esses conhecimentos por meio de diferentes linguagens: a pintura, a dança, a música, o teatro, a linguagem oral, as histórias e os casos, mas também a conversa diária e a linguagem escrita. Em outras palavras, os homens e as mulheres que viveram no passado criaram a cultura humana que hoje cada um de nós recria e desenvolve. Por isso, quando olhamos ao nosso redor, tudo o que vemos pode ser separado entre Natureza e Cultura. Os instrumentos se distinguem dos

objetos em geral pelo fato de que com eles, o ser humano amplia as possibilidades de seu corpo físico. Só para dar um exemplo simples, só com as mãos não somos capazes de cortar um tecido para fazer uma camisa: a tesoura possibilita isso. Com a tesoura, assim como o lápis, a faca, o serrote, o machado, o garfo etc. ampliamos as possibilidades do corpo humano. Aprender a usar um dos instrumentos nomeados acima é fácil. Pela imitação aprendemos a usar todos eles. No entanto, alguns instrumentos criados pelos seres humanos, precisam ser intencionalmente ensinados e exigem uma dedicação específica do aprendiz. É o caso da escrita, da matemática, das técnicas envolvidas com o conhecimento que chamamos de elaborado por oposição ao conhecimento popular. Esses instrumentos exigem de quem aprende o exercício de um conjunto de funções intelectuais. No caso da escrita, por exemplo, é necessária a articulação da função simbólica da consciência, do pensamento, da memória, da atenção, das percepções.

No ato de ler e escrever, além de mobilizar o conjunto dessas funções intelectuais, a criança também precisa ter vontade de expressar ou comunicar alguma experiência

vivida ou a vontade de conhecer a experiência dos outros contada num texto.

Por tudo isso, a aprendizagem da escrita é importante para o desenvolvimento humano. E por que a aprendizagem da escrita é importante, precisamos garantir que sua aprendizagem aconteça de maneira adequada.

Ao que parece, a escola não ensina às crianças que se escreve o que se quer comunicar para alguém ou que se quer lembrar mais tarde, por exemplo. Sem ter essa intenção, o professor da Educação Infantil está dificultando a aprendizagem da leitura e escrita dessas crianças. E o problema é que depois de tanto esforço delas próprias e do professor, quando elas se defrontarem com um texto e quiserem ler buscando no texto as letras, não vão entender nada, porque um texto contém idéias e informações. As letras e as sílabas constituem apenas o aspecto técnico da escrita, mas não constituem a sua essência. Depois de tanto tempo gasto com o treino de escrita, percebemos que isso não serviu para avançar o desenvolvimento cultural dessas crianças. Nem poderia, pois, como diria Vygotski (1995), ensinaram-lhes as letras, as sílabas e as palavras, mas não a linguagem escrita que é muito mais

complexa e envolve muito mais do que o aspecto técnico da escrita representado pela correspondência entre sons e letras.

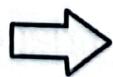
Com isso, queremos chamar a atenção para a necessidade de o professor compreender a escrita como um instrumento cultural complexo. A partir daí, é possível procurar a maneira adequada de apresentar a escrita para as crianças na Educação Infantil.

Devemos acrescentar ainda, que a escrita é um instrumento cultural complexo tanto do ponto de vista de seu funcionamento, como de sua aprendizagem.

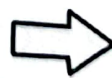
Como afirma Vygotski (1995), a escrita é uma representação de segunda ordem. Ela se constitui por um sistema de signos palavras escritas que representam os sons e palavras da linguagem oral, que representam, por sua vez, objetos e relações do mundo real.

Assim,

Caderno
escrita



"Cadernu"
fala



objeto real

Em outras palavras, a escrita (caderno) representa a fala ("cadernu") que, por sua vez, representa o objeto real. A fala, como representação da realidade, se coloca entre a realidade e a escrita. Isso acontece porque, primeiro, os homens e as mulheres criavam os objetos e, depois, atribuíam um nome a eles. Num momento muito posterior, criaram a escrita e passaram a escrever os nomes das coisas que haviam criado. Assim, entre o objeto e a escrita não há uma relação direta, mas uma relação mediada pela fala. Ou seja, o que escrevemos não tem nada a ver com a aparência da coisa, escrevemos o nome da coisa. Por isso, carro é uma palavra pequena, ainda que represente um objeto grande. E gafanhoto é uma palavra grande ainda que represente um ser de pequenas proporções. Essa compreensão de que a escrita é uma representação de uma representação, portanto, uma representação de segunda ordem precisa ser assimilada pela criança. Essa percepção é possível pela função simbólica da consciência, uma função que expressa a capacidade da consciência de perceber que um objeto pode ser usado para representar outro. Por exemplo, quando a criança brinca de faz-de-conta e precisa de uma coroa de ouro para a

princesa, mas não tem nem a coroa de ouro e nem mesmo uma coroa qualquer, ela procura algo que possa representar, na brincadeira, a coroa de ouro. Encontra uma faixa de pano para prender cabelo e amarra na cabeça dizendo: "Faz-de-conta que isso é a coroa de ouro!" Ela reconhece que a função da faixa é prender o cabelo, mas é capaz de atribuir, temporariamente, uma outra função à faixa: a de simbolizar a coroa de ouro.

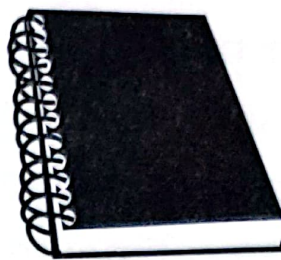
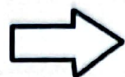
No caso da escrita, essa função de representação é dupla: a criança precisa se dar conta de que a palavra caderno não tem diretamente nada a ver com o objeto nem com sua aparência, nem com sua função, pois ela representa do nome do objeto que é um som. Este som, por sua vez, também não tem nada a ver com a aparência do objeto, nem com sua função, pois foi apenas um nome inventado para representar ou simbolizar o objeto.

Para que haja de fato a apropriação da escrita como um instrumento que permite ao aprendiz expressar e comunicar suas idéias, suas sensações, suas emoções ou informações e, ao mesmo tempo, entender as idéias, sensações, emoções e informações que os outros expressam e comunicam por meio da escrita, o elemento intermediário representado pela fala deve

desaparecer gradualmente e a escrita deve representar diretamente (representação de primeira ordem) os objetos e as situações do mundo real.

Assim:

Caderno



Por isso, quando lemos um texto, buscamos a realidade, ou seja, os fatos, as idéias, as informações, as emoções representadas pelas palavras escritas, e não os sons que a escrita representa. Da mesma maneira, quando escrevemos um texto, buscamos registrar sentimentos, informações, experiências vividas e não os sons de palavras que representam essas experiências.

É importante dizer que não adianta informar as crianças sobre tudo isso que estamos discutindo e refletindo. Dizer para as crianças que a escrita é uma representação de segunda ordem e que precisa pouco a pouco se tornar uma representação de primeira ordem é infrutífero e, portanto, totalmente dispensável, já que isso não faria nenhum sentido para elas. É a forma pela qual os professores apresentam a

escrita para a criança que vai permitir que ela utilize a escrita como leitora e produtora de textos.

Para Vygotski (1995), desde o início, a escrita precisa ser apresentada à criança como um instrumento que tem uma função social: a função de expressar ou comunicar informações, idéias, sentimentos. Ou seja, é um equívoco pensar que o ensino dos aspectos técnicos da escrita para a criança permite-lhe aprender a escrever e ler conforme requer o uso da escrita nas diversas situações sociais em que é utilizada.

Fazer uso da escrita em sua função social quer dizer usar a escrita junto com as crianças em situações verdadeiras de produção textual para uma determinada destinação. As crianças dizem o que desejam escrever e o professor redige o texto, já que nesse momento da vida da criança ela ainda não adquiriu autonomia para realizar essa atividade. Seguem exemplos de atividades de escrita que cumprem essa função.

- Escrever com as crianças cartas para alguém distante. O professor conversa com seus alunos sobre a função da carta, atualmente já substituída, em parte, pela utilização dos correios eletrônicos veiculados pela Internet.

Como nem todas as pessoas dispõem desse instrumento, e como há ocasiões em que é mais adequado enviar correspondência impressa, há o recurso da carta manuscrita ou escrita e impressa via computador, conforme o caso, e que necessita do preenchimento de outro tipo de escrito: o endereçamento feito sobre um envelope. Quando as cartas são redigidas e os envelopes são preenchidos, as crianças entram em contato com modelos convencionais de escrita. Para escrever a carta, alguns elementos formais mínimos devem estar presentes: data, cumprimento, corpo da carta (mensagem), despedida, assinatura. Para o preenchimento do envelope, na face frontal, são colocados os dados do destinatário: nome completo, endereço e CEP (Código de Endereçamento Postal), para que os funcionários dos Correios entreguem a carta em seu destino, sem dificuldades; na parte posterior do envelope, indicar o remetente, com os mesmos dados utilizados para indicar o destinatário, para que, caso este não seja encontrado, a carta possa retornar, sem problema, para o remetente. Como se pode perceber, com esse tipo de texto escrito, as crianças têm oportunidade de se apropriar de conteúdos culturais dos quais necessitará para

inserir-se no processo de comunicação com outras pessoas. Isso inclui não só saber qual a função da carta, como é o seu trânsito de pessoa a pessoa, quanto custa esse trânsito, mas também, quais os recursos de escrita são necessários para que esse veículo de comunicação se concretize, o que implica a assimilação de certos conceitos envolvidos nesse processo. Há várias possibilidades para a realização desse tipo de escrita: estabelecer correspondência com crianças de uma outra escola (cartas coletivas); entrar em contato com autores e ilustradores de livros infantis; enviar carta-convite para profissionais da comunidade das diversas áreas de conhecimento convidando-os para darem palestras às crianças da sala ou da escola; pedir o empréstimo de um ônibus oficial para a realização de uma excursão; fazer agradecimentos a pessoas que colaboraram com a sala ou a escola em alguma de suas atividades. Frisamos que, para que este tipo de texto cumpra sua função social, é necessário que a carta seja enviada ao remetente (um interlocutor verdadeiro, não inventado ou apenas suposto), em mãos, se estiver muito próximo, ou por meio das agências dos Correios, que disponibilizam a "Carta Social", de custo mínimo.

- Escrever bilhetes com as crianças. Os bilhetes têm estrutura simples, com poucos elementos formais: cumprimento, mensagem, assinatura. Dependendo do objetivo e do destinatário, os bilhetes podem ser manuscritos, mimeografados ou impressos. Podem ser confeccionados com diversas finalidades: pedir autorização para a realização de um passeio em lugar distante da escola; avisar sobre uma reunião de pais que a escola realizará; lembrar os pais sobre uma possível dispensa de aulas; etc. Podem, além disso, funcionar como veículo de comunicação entre os alunos da sala, sendo afixados em painel ou colocados dentro de uma caixa própria para esse tipo de correspondência.

- Confeccionar convites. Podem ser confeccionados com diversos tipos de papel, com ou sem ilustrações; podem ser colocados dentro de envelopes ou dispensar seu uso, conforme sua maior ou menor formalidade. O texto da mensagem deve ser breve, indo diretamente ao assunto do convite, e deve incluir também as informações necessárias para que o convidado possa atender ao convite: local, endereço do local (quando for o caso), data,

horário. Os convites podem ser feitos com diferentes finalidades: chamar os pais para participarem de feiras, exposições e festividades na escola; convidar colegas de outras salas para assistirem a uma apresentação (de música, de dramatização) que a classe fará no pátio; convidar colegas de outras salas para visitarem exposição de trabalhos de sua classe, etc.

- Elaborar regras de convivência. Esta é uma atividade em que o professor vai escrever, junto com a turma, as regras de convivência em sala de aula. À medida que a turma discute quais serão essas regras, o professor registra na lousa as propostas. Depois de acertadas, as regras são escritas em um cartaz de dimensões que o tornem capaz de ser visualizado por todos que é afixado na parede da sala de aula para todos poderem se lembrar, e, sempre que necessário, ler para pôr em discussão um ou outro ponto que esteja sendo objeto de discordância. Esse é um texto do tipo enumerativo, com itens geralmente encabeçados pelo verbo a que se refere a conduta desejada, expressa sob a forma afirmativa o que se espera que todos façam (evitar as negações).

- Redigir diário de classe. Manter um diário da vida na escola junto com a turma, para

deixar registrados, com escrita e desenhos, os principais momentos do dia-a-dia das crianças. O professor e os alunos discutem o que vão escrever, o professor redige o texto e as crianças (uma ou duas a cada dia) ilustram com desenhos ou colagens. Periodicamente, os registros podem se lidos para rememorar acontecimentos vividos, para resgatar algum fato importante para a aula do dia, para fazer um balanço de tudo o que já foi aprendido etc:

- Escrever pequenas histórias. O professor elabora oralmente com a turma toda uma história original (tendo ou não como base histórias conhecidas), conforme o esquema narrativo mais simples: uma descrição inicial (de personagens, espaço e tempo), ações envolvendo as personagens e, para concluir, um desfecho. O próprio professor redige o texto. Em seguida, conforme sua destinação, os alunos e o professor fazem a edição: dividir em partes, registrando cada parte em folha separada; ilustrar cada página conforme o trecho escrito; elaborar uma capa com título e ilustração e uma página de rosto com título, autor(es) e ano da produção. Essa atividade pode fazer parte de um projeto especial destinado a preparar um livro ilustrado

para finalidades como: dar de presente a familiares, a amigos; doar para a biblioteca de sua sala, ou das outras salas; ampliar a sua própria biblioteca (cuja formação deve, desde esse momento da vida da criança, ser incentivada).

- Escrever e ilustrar livretos informativos. Esses textos são preponderantemente descritivos e se prestam a relatar características físicas, modos de vida, habitat, etc. de seres animados ou inanimados; a explicar o acontecimento de fenômenos naturais como formação de nuvens, erupções vulcânicas etc. Professor e alunos redigem juntos textos sobre, por exemplo, a vida dos animais, das plantas, dos seres humanos, conforme a classe for desenvolvendo atividades sobre assuntos relacionados a esses tópicos, para incorporação dessas produções a sua biblioteca particular, ou à biblioteca da própria sala de aula.

- Redigir poemas, trava-línguas e parlendas. Com base em textos conhecidos desses três tipos, professor e alunos elaboram seus próprios textos para compor livretos cuja destinação social pode considerar a ampliação da biblioteca da sala de aula, bem como a do próprio

aluno e a de outras salas, em sistema de trocas (sob a forma de livretos individuais ou de coletâneas da sala). Outras possibilidades envolvem a utilização desses textos nas rodas de leitura, na preparação de coros falados, na organização de varais de poesias (na sala ou no pátio), ou qualquer outra forma de destinação que requeira a leitura dos textos por um interlocutor. Os poemas podem ser expressivos (falando do próprio "eu"), descritivos (falando das características de pessoas, animais, plantas, objetos, construções etc.) e narrativos (contando um fato qualquer). Os trava-línguas lidam com o jogo de palavras que possuem dificuldades articulatórias (um tigre, dois tigres, três tigres...). E as parlendas lidam também com jogos de palavras, privilegiando as rimas, sem compromisso com sentidos lógicos, mas sem as dificuldades articulatórias próprias dos trava-línguas (Lá em cima do piano/ tem um copo de veneno/ quem bebeu morreu/ o azar foi seu).

- Escrever notícia de jornal. O jornal é um portador de textos que tem por finalidade primeira a transmissão de informações. É um instrumento fundamental para que as pessoas possam manter-se a par dos acontecimentos de

sua comunidade próxima ou remota. Redigir notícias e divulgá-las é tarefa que insere o aluno no conhecimento do modo de funcionamento do mundo da informação. Professor e alunos resgatam fatos acontecidos na realidade próxima das crianças e redigem as notícias para manutenção de um jornal mural na sala de aula ou no pátio da escola. Os principais elementos desse texto são: título (denominado “manchete” quando o título encabeça a primeira página do jornal) e corpo da notícia (com, pelo menos, três informações: Quem? O quê? Quando? A essas informações acrescentam-se outras, quando o adiantamento das crianças permitir: Onde? Como? E demais detalhes importantes para a compreensão da informação). O título é escrito no tempo do presente e a notícia segue o tempo do fato: passado, presente ou futuro.

- Fazer relatórios de passeios. Após a realização de passeios que as crianças tenham realizado como atividade da escola, professor e alunos organizam o relatório da visita registrando e ilustrando os fatos vividos. Geralmente, o relatório repete a cronologia dos fatos acontecidos, fazendo a descrição do processo e destacando seus principais pontos. Pode ser feito

um só relatório coletivamente, por grupos de alunos, cada qual ficando responsável por ilustrar uma parte. Montar, em seguida, uma exposição com as produções, para compartilhar com os colegas da sala e, também, com os colegas de outras salas.

- Fazer roteiros para entrevistas. Quando houver oportunidade de a classe conversar com pessoas que vêm à escola participar de algum evento importante, ou quando a classe for à comunidade para colher dados das instituições visitadas (dados que, de outra forma, não poderiam ser obtidos), professor e alunos discutem quais são as perguntas que podem ser feitas aos interlocutores e as redigem em uma seqüência adequada. Esses roteiros são elaborados no coletivo, com antecedência, e as respostas obtidas por seu intermédio podem servir de base para elaboração de relatórios e notícias de jornal (mural ou escolar). Aprender a fazer perguntas adequadas a determinados contextos e situações implica uma habilidade complexa que cabe à escola ensinar; pois saber perguntar é tão importante quanto dar respostas, e nem sempre é uma habilidade privilegiada pela escola.

- Fazer relatórios científicos. Os relatórios científicos são feitos, via de regra, para acompanhar experiências científicas realizadas em sala de aula. Professor e alunos, à medida que realizam os experimentos, vão registrando todo o processo. Há, nessa forma de relatório, duas partes: uma que fala das condições em que o experimento se deu, e outra que descreve o processo em seu desenvolvimento. De posse das anotações, professor e alunos organizam o relatório, que pode ser acompanhado de ilustrações. Algumas possibilidades de trabalho científico são: acompanhar o processo de desenvolvimento de pequenos animais e insetos (rã, minhoca, borboleta, bicho da seda etc.), de plantas (feijão, milho, arroz etc.). Esses relatórios funcionam como memória do que foi vivenciado em sala de aula e servem para posterior resgate quando se tornar necessário rememorar os fatos relatados.

- Fazer registros de descobertas. Durante o desenvolvimento das atividades em sala de aula ou fora dela, existem sempre oportunidades para que as crianças façam

descobertas interessantes (de qualquer natureza) que marcam sua vida na escola. O professor pode aproveitar essas oportunidades para fazer registros escritos e ilustrados dessas descobertas (como, por exemplo, a existência de um ninho de beija-flor no galho de uma árvore do pátio da escola). Isso pode ser incorporado ao diário de sala ou servir para montar painel com as produções da turma e compartilhar com colegas de outras salas.

- Registrar nome próprio em produções artísticas. Para o desenvolvimento das habilidades estéticas das crianças, o professor pode organizar projetos de “exposição de pintura”, “exposição de desenhos”, “exposição de esculturas”, trabalhando com massinhas, argila, lápis de cor, giz pastel, tinta guache (sobre papel ou tela) e outros materiais disponíveis, a respeito de temas da escolha da própria classe. Com essas produções, fazer a exposição dos trabalhos, compondo um painel, ou distribuindo-os sobre mesinhas na sala de aula ou no pátio da escola, registrando nome e data (que são os primeiros registros escritos que crianças menores fazem). Esse tipo de registro cumpre uma função: marcar a autoria de um trabalho.

- Redigir panfletos de campanhas. Ao longo do ano, várias campanhas acontecem na comunidade em que a criança está inserida, e participar delas é primordial para a formação do aluno como um ser humano consciente: campanha contra o mosquito da dengue, vacinação de animais, reciclagem de lixo etc. Aproveitando essas ocasiões, o professor e seus alunos, após conversarem sobre o assunto, decidem como podem participar da campanha, ajudando a divulgá-la. Redigem o texto e depois fazem a edição. Esse tipo de texto tem por função mobilizar o interlocutor para que ele realize as ações previstas pela campanha. Por isso, são utilizados verbos no modo imperativo, para chamar o outro à participação. A classe reproduz os panfletos conforme as possibilidades da escola (mimeógrafo, cópias, impressão de texto produzido em computador), para que cada aluno possa distribuir em casa e pelos vizinhos um pequeno número de exemplares, colaborando com a divulgação do assunto na comunidade.

- Confeccionar cartazes. A escrita de cartazes é adequada a situações em que a finalidade é a divulgação de eventos. A organização do texto geralmente se faz na

seguinte ordem: um texto na parte superior do cartaz (com letras grandes e chamativas), uma figura na região central, e detalhes de informações na parte inferior (com letras menores). Como a intenção é conseguir a adesão do leitor ao evento, é comum o uso de verbos no modo imperativo. Professor e alunos, aproveitando as ocasiões em que esse tipo de texto escrito pode ser feito, podem utilizar o cartaz para divulgação de eventos de variados tipos entre os alunos da escola e, quando for possível, na comunidade. Os cartazes podem ser confeccionados para: realizar campanhas de informação e conscientização (reciclagem de lixo, preservação ambiental, saúde, vacinação, mosquito da dengue etc.); chamar para atividades que a classe desenvolverá no pátio da escola, como encenações teatrais, jograis, apresentações musicais etc.; informar eventos que a escola promove (festa junina, feira de ciências, exposições etc.).

- Colocar títulos nas caixas de materiais. Essa é uma atividade que é feita desde o início do trabalho com crianças pequenas e que permite a elas experimentarem a escrita como meio de organização do espaço escolar. Caixas que ficam

na sala de aula e são destinadas a separar os materiais de uso compartilhado dos alunos necessitam da identificação de seu conteúdo para facilitar o seu manuseio.

- Fazer o registro da rotina diária. O professor conversa com seus alunos, no início de cada dia de trabalho, a respeito das ações que serão realizadas por eles e, em seguida, registra na lousa os elementos da rotina do dia. Com isso, a criança aprende que a escrita serve para organização e controle das atividades de sala de aula.

Muitas outras possibilidades estão abertas para propostas de escrita com as crianças. Essas que foram expostas, porém, são suficientes para exemplificar como é possível utilizar a linguagem escrita como um modo de interação entre as pessoas, com finalidades distintas, cumprindo funções específicas, permitindo às crianças a apropriação de significados sociais em atividades que fazem sentido para elas.

O professor, ao fazer uso das sugestões de atividades acima descritas, decide sobre sua adequação às diferentes idades e níveis de

adiantamento de seus alunos e aos diferentes propósitos de seu trabalho. Elas são, na verdade, pontos de referência para o professor organizar o conjunto das atividades que realiza com as crianças em sala de aula.

A mesma preocupação no encaminhamento da produção escrita deve estar presente no trabalho com a leitura: a criança precisa conviver com a leitura como um instrumento que tem uma função social. A leitura existe para que o leitor possa lembrar um fato registrado anteriormente, saber notícia de alguém distante, buscar uma informação num livro ou num dicionário, saber como tomar um remédio, como funciona um objeto, como fazer uma receita, saber o que acontece numa história, e outras tantas possibilidades.

Como acontece com a escrita, é o professor que lê para a criança enquanto ela ainda não consegue realizar essa atividade com autonomia, ou seja, enquanto ela ainda não lê convencionalmente. Porém, no decorrer do processo, a cada momento em que ler se faz necessário como parte de um trabalho de busca de informação, de esclarecimento ou outra finalidade em que a criança precisa buscar o sentido do texto, o professor insere a criança na

situação de leitura, incentivando-a a utilizar seus conhecimentos para encontrar, no texto escrito, os indícios que lhe permitam elaborar uma compreensão acerca de seu conteúdo.

Antes, porém, de falarmos sobre a leitura que utiliza o código lingüístico, queremos lembrar que, desde muito novas, as crianças aprendem a fazer outras leituras que utilizam outros códigos de representação, mas que são igualmente importantes para a formação do pequeno leitor. É o caso, por exemplo, da leitura de imagens.

Na escola, de um modo geral, aproveitamos pouco da leitura de imagens muito abundantes e ricas em nossa sociedade de consumo. Desde muito pequenas as crianças reconhecem essas imagens, compreendem o seu significado e, dessa forma, lêem. Símbolos referentes a diferentes áreas de informação vão sendo absorvidos e passam a fazer parte da vida diária, e, muitas vezes, não nos damos conta de sua presença: os sinais de trânsito, em seu vasto conjunto, são exemplos dessa informação sem letras que fazemos todos os dias. Os ícones dos programas de computadores são também exemplos de objetos de leitura que fazemos costumeiramente. Essa linguagem tem uma

grande vantagem sobre a linguagem oral e a escrita: sua compreensão independe da língua do falante e do conhecimento da linguagem escrita. Tende a ser internacional e, nessa perspectiva, será cada vez mais presente na vida de todos. Na escola da infância utilizamos a linguagem visual quando as crianças ilustram seu crachá para reconhecê-lo mais tarde e antes que aprendam a ler o próprio nome, quando ilustram as regras decididas no grupo e que são escritas pelo professor da turma e afixadas na parede da sala. É por meio da ilustração que as crianças reconhecem a regra que procuram seguir na vida diária da escola.

Essa leitura de imagens, essencial na sociedade cada vez mais saturada de tecnologia digital, não pode ser desconsiderada na escola da infância, pois não apenas prepara a criança para a leitura e escrita de textos, como também permite a leitura de informações antes que ela aprenda a ler textos escritos.

Os livros literários infantis utilizam a linguagem visual em conexão com a linguagem escrita, explorando essa "transição" que a criança vivencia de um tipo de leitura feita com base nos signos visuais, para outra feita com base nos signos lingüísticos.

Exemplo disso é quando a criança, que ainda não domina a linguagem escrita, ouve histórias lidas para ela, e, com o tempo, memoriza o texto, tal como está registrado no livro. Depois de um tempo, quando, sozinha, a criança está diante do livro, ao ler as imagens ela evoca o texto escrito como se estivesse, de fato, lendo convencionalmente.

No que tange à leitura de textos escritos, há, no ambiente escolar, muitas oportunidades para que as crianças vivenciem situações de práticas de leitura, tanto as leituras que o professor faz para elas, como aquelas que ela faz sozinha com os conhecimentos já adquiridos, isto é, com seus próprios recursos. Vejamos algumas sugestões de atividades em que a leitura aparece como uma prática social importante para a formação do leitor.

- Roda de leitura. Com a periodicidade que for possível e conveniente fazer, a roda de leitura propicia às crianças um momento rico de experiência com a situação de leitura de textos escritos que é muito importante em sua formação como leitora e também como produtora de textos escritos. Quando o professor lê para ela textos de histórias, poemas, notícias de jornal, revistas,

enciclopédias etc. a criança não só está ampliando seu conhecimento de mundo, como também se familiariza com diferentes funções da linguagem escrita (divertir, instruir, informar etc.) e se apropria do padrão escrito da linguagem que estará sendo objetivado em suas futuras produções escritas. Assim, quando o professor lê histórias para as crianças, elas se apropriam de um universo vocabular específico, uma estrutura peculiar de organização desse tipo de narrativa, um modo de seqüenciar temporalmente as ações, uma sintaxe própria do texto escrito. O mesmo pode-se dizer dos outros tipos de textos que são lidos para as crianças: eles proporcionam, igualmente, um modelo de linguagem escrita. E, no confronto que a criança faz dos diferentes tipos de textos que lhe são lidos, ela assimila as diferentes maneiras pelas quais os textos se organizam lingüisticamente, porque, embora a atividade do leitor seja oral, ele reproduz o padrão escrito de linguagem. Daí a grande contribuição desse tipo de atividade para o desenvolvimento da linguagem escrita na criança.

- Visita à biblioteca. Outra atividade importante para a formação do leitor é a visita periódica do professor com seus alunos à

biblioteca escolar, para consultas e retiradas de livros. Saber que a biblioteca é um espaço especializado que possibilita a realização dessas ações, é fundamental para que, mais tarde, eles sejam freqüentadores de bibliotecas públicas ou de sua própria biblioteca, buscando um livro para ler sempre que tiverem um tempo livre. Se o funcionamento da biblioteca escolar permitir, semanalmente a criança pode levar para casa um livro de história, a ser lido por ela e por leitores mais experientes que com ela convivem.

- Biblioteca da sala de aula. Quando cada sala de aula tem seu próprio espaço para organizar sua pequena biblioteca, o professor e seus alunos podem usufruir desse benefício, reservando, conforme o tempo disponível, momentos de leitura coletiva: cada aluno escolhe o que quer ler, sem que haja cobrança posterior dessa leitura. A criança tem, neste caso, a oportunidade de fazer suas escolhas e de conhecer os diversos tipos de escritos e seus diferentes suportes materiais. O ler, nesse contexto, atende às necessidades próprias de cada leitor.

- Leitura informativa. Quando o professor está desenvolvendo com seus alunos

certos projetos e precisa buscar informações para realizá-los, a leitura constitui uma parte fundamental desse trabalho. Tomando como exemplo o caso dos experimentos científicos, citados anteriormente, é necessário, antes de montar um minhocário, um ranário, uma criação de bichos-da-seda etc., buscar informações específicas por meio da leitura. Tais momentos são muito ricos para a criança apropriar-se, paulatinamente, da capacidade de buscar informações com autonomia, isto é, saber onde buscar as informações de que necessita para seus próprios projetos de vida.

- **Leitura para participação em eventos.** São várias as oportunidades em que acontecem eventos na comunidade e dos quais as crianças podem participar. É o caso das campanhas, da chegada de um circo na cidade, de uma exposição de arte, de apresentações musicais, de peças de teatro, e outros tantos eventos que são divulgados por meio de cartazes, folders e panfletos, que podem ser lidos em sala de aula objetivando pôr as crianças a par das atividades que acontecem na comunidade onde residem. A informação adquirida por meio de leituras desses escritos permite a mobilização das pessoas para

participarem desses eventos. Em muitas oportunidades, a própria escola pode providenciar para que a turma toda participe de eventos na comunidade, como, por exemplo, ir assistir a uma peça de teatro infantil. Saber usar informações disponíveis para organizar a própria vida é uma capacidade que a escola pode ajudar a criança a desenvolver.

- Leitura para orientar-se e organizar-se no ambiente escolar. No ambiente da sala de aula e da escola existe sempre uma situação em que, para orientar-se e se organizar, a criança precisa ler. São exemplos: placas indicativas das diferentes dependências da escola; cartazes expostos nos murais; quadro de avisos; etiquetas das caixas de materiais da sala de aula; regras de convivência; rotina do dia etc. Todas essas situações são propícias para que a criança utilize a leitura como um instrumento fundamental de apropriação dos conteúdos culturais necessários ao seu processo de humanização.

Quando o trabalho pedagógico com a leitura e a escrita tem como foco a sua utilização em situações de uso social, tal como objetivamos apresentar nas atividades sugeridas, cremos ser

possível atingir o objetivo de formar crianças capazes de ler compreendendo e de escrever se expressando e se comunicando. Ter algo a dizer e saber que isso pode ser escrito e lido é o primeiro passo do processo de aprender a ler e a escrever.

Por isso, desde muito pequena a criança precisa conviver com práticas sociais de leitura e de escrita. Para compreendermos como isso é essencial para o processo de constituição do leitor e produtor de textos, é importante saber que a história da escrita começa muito cedo na vida da criança. De acordo com Vygotski (1995), a escrita não começa no momento em que colocamos um lápis na mão da criança. A linguagem escrita tem uma longa história que começa no primeiro gesto, quando o bebê tenta se expressar e se comunicar apontando o objeto de seu desejo. Em outras palavras, a história da escrita começa com a vontade da criança de se expressar, de se comunicar.

O gesto da mão ou do corpo inteiro é a primeira forma de expressão da criança. Porém, entre o gesto do bebê e a escrita na idade escolar, a criança percorre um longo caminho e passa por diferentes linguagens, isto é, por diferentes maneiras de se expressar e se comunicar.

Por volta dos dois anos, a criança aprende a linguagem oral que é a que mais chama nossa atenção. Quando a criança aprende a falar, ocorre um salto no seu desenvolvimento cultural e psíquico, pois a fala facilita o desenvolvimento da memória, da atenção, das percepções, da imaginação, do controle da vontade e da conduta, do pensamento. Nós pensamos com as palavras. Antes de aprender a falar, a criança pensa com imagens e seu pensamento se restringe às experiências vividas. Quando aprende a falar, seu pensamento pode se desenvolver tanto quanto sua fala. Por isso, quando os professores permitem que as crianças falem, expliquem as coisas como elas entendem, quando elas contam coisas que aconteceram fora da escola ou mesmo na escola, elas estão fortalecendo a sua linguagem oral e, por conseqüência, seu pensamento.

É importante lembrar que a fala também é aprendida pelas crianças, e elas aprendem a falar quando falamos com elas. Não basta que os adultos falem perto das crianças. Se os adultos não falarem com ela, se não provocarem as suas respostas, se ela não for sujeito de um diálogo, ela não aprende a falar. Por isso, se a criança fala pouco, precisamos conversar muito com ela e provocar sua expressão.

O desenvolvimento da linguagem oral, assim como de outras linguagens como a pintura, a modelagem, o desenho, a dança, a produção de sons contribui fortemente para a aprendizagem da escrita. Além disso, a linguagem oral tem uma função essencial no desenvolvimento da criança, pois ela é um dos elementos mais importantes do aprendizado cultural da criança; ela é o principal meio de comunicação das crianças. É por meio dela que a criança amplia seu contato com o mundo de pessoas e objetos que a rodeiam. Também é por meio da linguagem oral que a criança aprende o conhecimento que não é acessível à sua experiência direta, ou seja, é por meio da linguagem oral que a criança vislumbra a experiência humana acumulada ao longo da história. Assim, podemos dizer que a linguagem oral contém em si uma experiência social. Ao mesmo tempo, a linguagem oral constitui a base da reestruturação dos processos de pensamento da criança. Como as palavras e os conceitos são as ferramentas do pensamento, à medida que a criança desenvolve sua fala, seu pensamento também se desenvolve. Por exemplo, com a linguagem oral, a criança pré-escolar começa a planejar e controlar sua conduta. Vamos ver, num exemplo simples, como isso acontece.

- A criança almoça na escola e espalha comida ao redor do prato. A professora diz a ela que, antes de sair da mesa, terá que recolher a comida espalhada. Depois de alguns dias com essa orientação diária, a criança começa a se lembrar, logo ao terminar o almoço, que a professora vai mandá-la recolher a comida espalhada. Logo, ela própria usa essa orientação da professora como uma orientação interna, ou seja, antes que a professora diga pra fazer a limpeza, ela já terá feito.

Nesse exemplo, percebemos como a linguagem oral vai assumindo uma função no processo de planejamento da conduta da criança. Essa é uma situação concreta que demonstra como funciona a lei genética geral do desenvolvimento elaborada por Vygotski:

Todas as funções psicointelectuais superiores aparecem duas vezes no decurso do desenvolvimento da criança: a primeira vez, nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja, como funções interpíquicas; a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento da criança, ou seja, como funções intrapsíquicas. (VYGOTSKI, 1988, p.114)

O processo de constituição da linguagem oral, na verdade, serve como paradigma de todo o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, àquelas que se caracterizam por ser especificamente humanas e que se formam no decorrer da história do gênero humano.

A linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam. Só depois, convertido em linguagem interna, transforma-se em função mental interna que fornece os meios fundamentais ao pensamento da criança. (VYGOTSKI, 1988, p.114).

Assim, da mesma forma, a linguagem oral é importante para a internalização de condutas, atua também na constituição da memória, da atenção e da imaginação: é ela que forma as bases para a memória, para a estabilização da atenção e para o desenvolvimento da imaginação.

Além disso, devemos destacar o fato de que é na idade pré-escolar que a linguagem oral tem seu maior desenvolvimento. A criança amplia seu vocabulário e aperfeiçoa sua percepção da estrutura da língua, ou seja, aprende a usar os verbos, as concordâncias das palavras, os primeiros elementos sintáticos. Esse

aperfeiçoamento e desenvolvimento da linguagem oral são produzidos pelo uso da fala na relação com as outras pessoas e, nesse aperfeiçoamento, a escola da infância tem um papel fundamental.

Dessa forma, ressaltamos a necessidade de que, na educação infantil, a criança vivencie atividades que estimulem o uso da linguagem oral. Seguem alguns exemplos de atividades que estão voltadas para esse objetivo.

- A roda. Também chamada de roda de conversa (roda inicial ou roda final) é uma forma interessante para iniciar e concluir as atividades de cada dia estimulando a fala das crianças. Chamamos roda o momento em que o professor e todas as crianças da turma se sentam para conversar. As crianças sempre têm o que dizer quando as estimulamos a falar. Logo no início do dia, é possível conversar sobre: alguma novidade que alguém queira contar (fatos que chamam sua atenção na vida fora da escola, fatos da vida de cada um que se quer compartilhar com os amigos da turma); o plano de atividades do dia; alguma atividade que o grupo está realizando e que leva alguns dias (a organização de um passeio, uma receita de culinária, um assunto que a turma está

investigando); algum combinado ou alguma regra etc. No início desse processo, pode ocorrer que as crianças fiquem inibidas e se recusem a participar; nesse momento o professor atua como modelo, fazendo sua comunicação ao grupo e estimulando a participação de todos. Pode ocorrer também o inverso: muitas crianças querendo falar ao mesmo tempo; nesse caso, o professor introduz um elemento moderador, que pode ser qualquer objeto que simbolize a permissão para que a criança se expresse (um bastão, por exemplo, que passa de mão em mão e organiza a ordem em que as crianças poderão falar). Pode ser organizada também uma roda ao final do dia, quando as crianças e o professor comentam as atividades realizadas, combinam a continuidade de um trabalho, avaliam as atitudes combinadas e planejam as atividades do próximo dia.

- **Atividade livre.** Permitir diariamente tempo para uma atividade livre, quando a criança escolhe o que fazer dentre as possibilidades existentes na sala é outra forma de estimular a expressão oral das crianças. Além de estimular a iniciativa das crianças, a atividade livre permite que cada criança explore aquilo que gosta de

fazer ou que quer conhecer mais. No final da atividade livre, as crianças podem se encontrar numa roda para comentar com seus colegas o que fizeram e o que acharam interessante. Para que isso possa acontecer, a sala de aula precisa dispor de materiais e de espaço adequado como biblioteca de sala, jogos, brinquedos, fantoches, sucatas etc. para que as crianças se organizem e desenvolvam as atividades.

- Hora da novidade. Outra forma de estimular a expressão oral da criança é a hora da novidade. Esse é o momento em que o professor prepara, com antecedência, uma surpresa: um objeto embrulhado que ele leva para a sala e as crianças tentam descobrir seu conteúdo a partir da apalpação, do tato (É pesado! Faz barulho! Tem cheiro de flor! É grande!), e arrisca palpites sobre o conteúdo. Ao final, o pacote é aberto para descobrir quem, dentre as crianças do grupo, adivinhou o conteúdo.

- Ouvir histórias contadas. Ouvir e contar histórias são ações que também constituem um estímulo à expressão, pois ampliam o vocabulário e o conhecimento de mundo, alimentam a imaginação e trazem em seu

organizar outras atividades, como brincadeiras, teatros de fantoche, peças improvisadas pelas crianças e professor etc. Diferente do ler histórias, em que o leitor mantém o texto original com todas as suas características literárias preservadas, o contar não precisa necessariamente respeitar o texto original tal como aparece registrado no livro. O contador tem o aval para contar a história a seu modo, com formulações próprias, muitas vezes introduzindo expressões próprias da linguagem oral no decorrer do processo. Isso não é nem melhor nem pior do que ler história: cada ação tem sua contribuição a dar. O importante é que as duas ações sejam desenvolvidas em sala de aula com as crianças.

- Relatar fatos. Há muitas situações em que a criança se mostra ávida para contar para o professor alguma coisa que fez, viu, ouviu ou participou. Quando o professor abre espaço para que isso aconteça, a linguagem oral é estimulada, e a criança, com isso, vai formando sua capacidade de expressão; desinibe-se, organiza seus pensamentos, desenvolve seu raciocínio lógico.

Em todos esses momentos, a criança está aprendendo a falar no grupo e a com ele interagir

de forma adequada: a esperar sua vez para falar, a ouvir o outro, a formar opinião sobre as coisas, a expressar seus pensamentos. Sua expressão é facilitada sempre que é criado um clima de falar e ouvir, por exemplo, quando as crianças se sentam em roda para todos se verem e melhor perceberem o seu tempo para falar e esperar a sua vez.

Devemos acrescentar que a fala provoca também o desenvolvimento do desenho e de outras formas de expressão como a pintura, a modelagem e a escultura, pois quanto mais memória a criança tiver, mais as lembranças estimulam sua expressão.

A fala está presente também na brincadeira de faz-de-conta; ela organiza a atividade e conduz o tempo todo a dinâmica da brincadeira (agora eu era o médico e você o paciente...). Essa é uma função muito importante da linguagem oral, pois, permitindo a organização da brincadeira de faz-de-conta, está propiciando a melhor maneira de a criança pré-escolar, entre 3 e 6 anos, se comunicar com o mundo e aprender. Por meio da brincadeira, a criança expressa o que vai entendendo sobre as atividades dos adultos, as formas como os adultos se relacionam; ou seja, imitando os

modelos adultos, ela expressa os valores, os traços de personalidade que ela está aprendendo com as relações sociais e revela as explicações que dá aos fatos e fenômenos da cultura e da natureza. Com isso, vai formando a função simbólica da consciência, ou seja, vai formando a capacidade de colocar um objeto em lugar de outro, de usar um objeto para representar outro.

Muito embora as crianças sejam muito falantes, na escola, de um modo geral, ainda existe a tradição de manter em sala de aula uma atitude bastante autoritária em relação a fazer silêncio e, principalmente, em ocasiões em que se trata de tomar decisões que envolvem a turma. Via de regra, pouca ou nenhuma participação das crianças é permitida nas decisões ou conhecimento daquilo que é preparado e planejado para cada dia. A criança ainda é concebida como pouco capaz, e que, por isso, não sabe tomar decisões, ter iniciativa, resolver conflitos ou escolher atividades.

Hoje, no entanto, aprendemos com a teoria de Vygotski que, se a criança não sabe, ela é capaz de aprender, ou seja, que ela, assim como todo ser humano, nasce com a capacidade de aprender. Na idade pré-escolar, a criança está formando sua personalidade e sua inteligência e,

para isso, precisa exercitar todas as atitudes que julgamos importantes para ela se tornar uma cidadã solidária e inteligente. Isso implica dar voz e vez à criança, tratá-la como alguém que, se não sabe, é capaz de aprender.

Hoje sabemos que, para aprender, a criança precisa ser ativa no processo, precisa ser sujeito e não um elemento passivo do processo de ensino. O que isso significa? Houve um tempo quando se pensava que, para aprender, a criança precisava ficar sentada, quieta, atenta à fala do professor. Desse ponto de vista, essa passividade da criança era entendida como positiva, e muitos professores continuam, ainda hoje, a buscar tal atitude em suas crianças. A partir do conhecimento sobre as crianças pequenas que viemos acumulando, entendemos esse conceito de forma mais complexa: aprender envolve atribuir um sentido ao que se aprende. Só a criança que está em atividade é capaz de atribuir um sentido ao que realiza.

E o que significa estar em atividade? Significa a criança saber o que está fazendo, para que está fazendo e fazer motivada pelo resultado daquilo que realiza. Em outras palavras, significa que a criança precisa ser envolvida no processo, fazer parte das decisões tomadas na sala, estar

envolvida nas tarefas propostas na sala e no que acontece na sala e na vida da escola. Por isso, a escola é importante para criar novas necessidades humanizadoras nas crianças como, por exemplo, a necessidade de conhecer mais, de ler, de saber, de se expressar, de se comunicar, de participar.

As vivências e experiências propostas para as crianças na escola têm mais possibilidades de se caracterizar como atividade quando:

- a criança participa da vida da escola e pode expor suas necessidades de conhecimento as quais poderão ser aproveitadas ou transformadas pela escola conforme seu grau de humanização ou alienação;
- a criança traz elementos, dá sua contribuição para dar corpo à atividade;
- a criança realiza ela própria as tarefas propostas e busca a ajuda do professor ou da professora sempre que precisa o que caracteriza o ensino como cooperativo, isto é, verdadeiramente feito com base na cooperação.

Agindo assim, respeitando a possibilidade de aprender da criança e

estimulando seu aprendizado e desenvolvimento, resolvemos vários problemas ao mesmo tempo.

- Em primeiro lugar, permitimos que ela forme uma imagem positiva de si mesma, condição emocional fundamental para aprender qualquer coisa. Quando a criança traz sua experiência de vida para a escola, quando expressa opiniões e é ouvida, quando participa de soluções para os problemas vividos no grupo, quando pode expressar suas idéias, angústias e sentimentos, a criança deixa de ser um anônimo e passa a ser alguém que tem uma identidade no grupo.

- Em segundo lugar, possibilitamos que se sinta parte da escola. Essa sensação de pertencimento favorece a disciplina e a harmonia na vida em grupo. Vale lembrar que a causa maior da indisciplina e da insatisfação da criança na escola é o sentimento de exclusão e não a pobreza ou a desagregação da família tradicional, como nos ensinam a pensar.

- Em terceiro lugar, essa participação estimula o exercício e o desenvolvimento da linguagem oral que, como vimos, é elemento

central no processo de desenvolvimento cultural da criança na idade pré-escolar; permeia as brincadeiras infantis, propicia a organização do pensamento da criança e favorece o desenvolvimento de outras formas de expressão, como o faz-de-conta, a mímica, a representação teatral e a linguagem escrita.

Em síntese, ao longo da infância, a criança vai ampliando seu conhecimento do mundo e suas formas de expressão e comunicação, tendo sempre a linguagem oral como elemento central desse processo. Paulatinamente, à medida que criança, quer em casa, quer na escola infantil, convive com pessoas que lêem e escrevem, ela começa a se interessar pela leitura e escrita, ou seja, ela começa a almejar essa nova forma de comunicação.

É importante dizer que as necessidades humanas assim como as habilidades, as capacidades ou as aptidões são aprendidas na vida que cada um leva. Quando a criança vive numa comunidade onde a escrita é bastante utilizada e as crianças vêem sempre os adultos lendo e escrevendo, elas vão criando a vontade de ler e escrever. No entanto, se a criança vive numa comunidade que não utiliza a escrita e a

leitura, ela não tem oportunidades de criar a vontade de ler e escrever. Nesse caso, é na escola que teremos que criar na criança a vontade e necessidade de ler e escrever.

Não adianta falar para a criança que a escrita é importante ou será importante na vida dela! A criança forma a necessidade da leitura e da escrita quando ela convive com a leitura e a escrita na escola infantil, não a leitura e a escrita de letras e sílabas, nem de palavras, mas com a leitura e a escrita de textos, utilizados de acordo com a função social para a qual a escrita foi criada, ou seja, leitura para conhecer a informação de um texto, as idéias de quem escreveu, suas emoções, seu sentimento; escrita para comunicar algo a alguém distante, para se lembrar no dia seguinte, para expressar uma idéia, uma opinião, um sentimento.

Com tudo isso, queremos dizer que, se objetivamos que as crianças leiam e escrevam bem e se tornem, de fato, leitoras e produtoras de texto o que é uma meta importantíssima do trabalho pedagógico, é necessário que trabalhemos profundamente o desejo e o exercício da expressão oral e escrita, além, é claro, de outras formas de linguagem, como a

música, o desenho, a pintura, a colagem, o faz-de-conta, o teatro etc. Essa necessidade de expressão, é sempre importante lembrar, surge a partir do que as crianças vêem, ouvem, vivem, descobrem e aprendem.

É grande a importância da expressão no processo de humanização, ou seja, no processo por meio do qual as novas gerações aprendem a ser como os seres humanos adultos. A dinâmica desse processo de humanização acontece num processo articulado de apropriação e objetivação. Ou seja, não há apropriação sem objetivação. Em outras palavras, não há aprendizagem sem a expressão da criança sobre aquilo que aprende. A expressão precisa, pois, ser cultivada ao longo do processo de ensino e de aprendizagem, pois, ao estimular a expressão das crianças estaremos, ao mesmo tempo, provocando a expressão daquilo que foi aprendido, assimilado, apropriado e criando melhores condições para seu processo de humanização.

Referências Bibliográficas

VYGOTSKI, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L.S., LURIA, A.R. e LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 4.ed. São Paulo: Ícone, 1988, p. 103-118.

VYGOTSKI, L. S. La prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito. In: _____. Obras Escogidas. Madrid: Visor, 1995, vol. III, p. 183-206.

STELA MILLER

Docente aposentada do Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - Campus de Marília - SP e atua como professora voluntária do programa de Pós-Graduação em Educação dessa Instituição. Trabalha com Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa - séries iniciais do Ensino Fundamental, na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural.

SUELY AMARAL MELLO

Paulista de dois córregos, sou doutora em educação pela Universidade Federal de São Carlos, professora no programa do pós-graduação em educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, líder (juntamente com a Dra. Sueli Guadalupe Mendonça) do grupo de pesquisa "Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural" e, atualmente, assessora pedagógica para a educação infantil junto à Secretaria Municipal de Educação de Osasco. Tenho duas militâncias - o direito das crianças à infância e o meio ambiente - e uma fé inabalável no Brasil e no povo brasileiro.

MÁRCIO PELOZO

Nasceu em Vera Cruz (SP) em 1969, onde viveu até os 23 anos. Ainda em São Paulo, fez sua formação em Computação na cidade de Marília. Atualmente, vive em Curitiba trabalhando na área de Hotelaria, e tem grande interesse em Arte. Este é seu primeiro trabalho como ilustrador profissional.

A educação infantil pode contribuir para a formação do leitor e produtor de textos? Como fazer isso sem sacrificar o direito das crianças à infância? Como formar as bases orientadoras do processo de aprendizagem da escrita e da leitura considerando a forma específica como as crianças aprendem até os seis anos de idade, ou seja, como formar a necessidade de ler e escrever nas crianças sem "dar aulas" sobre a leitura e a escrita? O texto "O desenvolvimento da linguagem oral e escrita", de Stela Miller e Suely Amaral Mello, discute essas questões e apresenta exemplos de atividades voltadas para o favorecimento da expressão na criança, um aspecto importante em sua formação, porque, como afirmam as autoras, "A expressão precisa [...] ser cultivada ao longo do processo de ensino e de aprendizagem, pois, ao estimular a expressão das crianças, estaremos, ao mesmo tempo, provocando a expressão daquilo que foi aprendido, assimilado, apropriado e criando melhores condições para seu processo de humanização."

